

REVISTA

SARAU DA ALEPON

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA ACADEMIA DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES DE PONTE NOVA/MG

PONTE NOVA, NOSSA TERRA, NOSSO ORGULHO!
154 ANOS



2º EDIÇÃO - OUTUBRO DE 2020

Expediente

Revista Sarau da ALEPON
Ano I - No 02 - Outubro de 2020

Editor

Alfredo Padovani
Gilson José de Oliveira
Maria Elizabeth M. L. Iacomini

Revisão

Alfredo Padovani
Gilson José de Oliveira
Maria Elizabeth M. L. Iacomini

Projeto gráfico e diagramação

Iuna Oliveira

Fotografia e ilustração

Acadêmico Alfredo Padovani
Maria Elizabeth M. L. Iacomini
Família Caríssimo
Foto Stúdio

Páginas / Folhas

45 / 46

Edição

2

Volume

1

Idioma

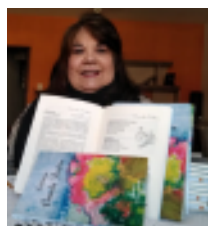
Português

Publicação Fechada

26 - 10 - 2020

Os textos assinados são de inteira
responsabilidade dos autores.

PALAVRA DA PRESIDENTE



Estamos caminhando, firmes e fortes. Agradecemos os elogios à nossa primeira edição. Queremos saber as opiniões e receber sugestões, para crescermos juntos nessa proposta de enriquecimento da nossa Cultura. Estamos abertos às críticas, quaisquer que sejam.

Quero reforçar o convite aos escritores/poetas de Ponte Nova, do Brasil e do mundo, para que participem do nosso Concurso Literário - edital nessa edição. É um concurso anual, muito concorrido, inscrição gratuita. Em 2019 tivemos candidatos de todos os Estados Brasileiros e de 6 países a saber: Estados Unidos, Portugal, Itália, Japão, Moçambique e Canadá, além de nossa cidade, o que muito nos alegrou! Desejamos manter esse público e ampliá-lo. É gratificante sabermos que a nossa Academia é reconhecida internacionalmente.

Aguardamos os trabalhos até o dia 31/10/2020, data do encerramento.

Abraço fraterno!

Maria Elizabeth Moreira Leite Iacomini

SUMÁRIO

1	EDITORIAL	0.5
	ENTREVISTA ESPECIAL	0.6

2	ESPECIAL PONTE NOVA	14
	<i>Bibliotecas Públicas em Ponte Nova</i>	---
	ALEPON EM PORTUGAL	18
	<i>Actividades da ALEPON em Portugal</i>	---
	<i>A cultura de Ponte Nova vive em Portugal através de eventos literários</i>	0.22

3

PERSONALIDADES

26

Cultura popular, fator de união em Ana Florência

O legado cultural deixado por Padre Heriberto José Schmitt

30

Chefe virtuoso se revela num gesto carinhoso

32

4

ELOGIO AO PATRONO

34

Homenagem ao poeta Sotero Silveira de Souza

ESPAÇO DOS ACADÊMICOS

36

Meu testemunhal de amor a Ponte Nova

37

Minhas primeiras cuecas zorba

39

Ponte Nova

42

Rio

43

Há exatos 30 anos...

44

Amada terra

45

EDITORIAL

A Alepon- Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova, limitada pela pandemia que paralisa ainda amplos setores da vida em toda parte, comemora os 154 anos de Ponte Nova de forma virtual através do segundo número da Revista Sarau. Nada melhor que celebrar fazendo memória e recordação de pessoas e fatos marcantes em alguma etapa da vida. Memória que é hoje algo tão decisivo para demarcar um espaço, quando o tempo é escasso e carece um jeito de preservar as identidades.

Na entrevista deste número, o grande radialista Fernando Mansur, contando-nos do seu trabalho, relembra pessoas que, junto com ele, fizeram os tempos gloriosos do rádio em Ponte Nova. Bem como a marca que carregou consigo destas terras banhadas pelo Piranga e ricas em sabores variados.

Reportagem dos editores relata a resistência das bibliotecas públicas em Ponte Nova, principalmente a trajetória da Biblioteca Municipal, que muito antigamente foi chamada de biblioteca das Moças. A outra, mais recente, é a da Câmara Municipal, que passa por novo conceito e formatação. Ao ensejo, os editores também redigiram a história do livro, esse teimoso transmissor de conhecimento e informação.

Os acadêmicos José Camilo e Vera Salviano nos brindam com seus respectivos patronos: o primeiro, padre Schimitt, salesiano que atuou com esmero e denodo no extinto Colégio Dom Helvécio . O segundo, um raulsoarense de uma verve excelente, o poeta Sotero.

Seguindo a trilha da memória, Ester Trindade nos fala de Bambu, grande chef da notável culinária pontenovense. O Bambu, que deixou uma marca indelével em nossa cultura. E José Carlos Itaborahy Filho refez a trilha da cultura popular vivida no Pião, espaço importante da história de Ponte Nova, pois foi onde se iniciou a produção de açúcar em grande escala, produto hegemônico por muito tempo.

O espaço acadêmico está marcado pela poética homenagem à cidade, neste mês de seu aniversário. E de Portugal, não poderiam faltar notícias de nosso representante Oliveira Ribeiro.

Ponte Nova segue seu caminho, beirando o rio, mantendo acesa a chama da esperança. Enquanto não cessa essa dor de perdas, de medos, incertezas, e a Alepon, mesmo sem a força do abraço, festeja essa história construída com engenho e arte.

Os editores.



ENTREVISTA ESPECIAL

6 - 13

FERNANDO MANSUR, A VOZ DO RÁDIO BRASILEIRO

O radialista pontenovense Fernando Mansur é professor, escritor e jornalista reconhecido nacionalmente pelo notável trabalho realizado ao longo da carreira. Revolucionou o rádio, quando foi em 1977 para a Rádio Cidade FM, do Rio de Janeiro, inaugurando a nova fisionomia das emissoras FMs no Brasil. Graduado em Letras pela Universidade Católica de Minas Gerais (Ponte Nova), com pós-graduação em Marketing, pela Escola Superior de Propaganda e Marketing. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com a dissertação "RADIO-grafia: Do AM Histórico ao FM Histórico". Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com a tese "Rádio - Um Veículo Sub-utilizado?... Conversando sobre aspectos da comunicação radiofônica no Rio de Janeiro".



Fernando Mansur

Que importância teve em sua brilhante carreira, a participação em rádios e nas leituras nas missas em Ponte Nova, nos anos iniciais de sua vida?

Olha, foi muito importante antes até do rádio e das missas, a orientação que eu tive da dona Lilá, mãe do Tunai e do João Bosco, entre outros filhos. Ela foi minha professora no primário na Escola Senador Antônio Martins, na Rua Antônio Carlos. Ela me incentivava muito a ser orador da turma, havia eleição para ser orador e eu ganhei algumas vezes. Ela incentivava a turma a declamar poesias, enfim ela me incentivou muito.

Havia festas, teatro, eu ensaiava na casa dela, era muito interessante. Lembro que uma vez, houve a formatura, e o Mário Clímaco, emérito professor, ajudou a escrever um discurso que eu fazia em nome da turma. Eu subi ao palco, me emocionei, saí do palco chorando. Então, o João Bosco, que não era ainda um cantor profissional, mas ia cantar logo após, me incentivou, a dona Lilá também, eu voltei ao palco e com a voz embargada, completei o discurso.

Depois, na Igreja Matriz de São Sebastião, o padre Rafael (Faracci) me ensinou a ajudar a missa em Latim.

Havia um sacristão chamado Gabriel, que tinha passado pelo seminário, mas depois se casou. Ele nos ensinava o Latim para ajudar a missa. Comecei a ler as epístolas e fazer os comentários. A gente subia um degrau, havia um microfone muito interessante. Eu gostava de ouvir o ressoar da minha voz na acústica perfeita da matriz. Depois o Arlindo Abreu, que era o gerente da Rádio Ponte Nova, me chamou para fazer um teste, eu passei. Eu lia os comerciais datilografados, havia um mapa para marcar os horários dos comerciais lidos. Fazia a programação musical, entrevistava pessoas, políticos que chegavam a Ponte Nova, como o Magalhães Pinto, candidato ao governo de Minas. Eu nunca me esqueci que o entrevistei no aeroporto de Ponte Nova, em campanha. Então tudo o que fiz inicialmente em Ponte Nova foi uma escola fantástica, eu levei para Belo Horizonte, onde trabalhei na Rádio Mineira e na Rádio Aurilândia, de Nova Lima. Depois eu fui pro Rio de Janeiro e levei toda essa experiência comigo e é uma bagagem muito grande.

Você se formou em Letras na FAVAP, à época, ainda ligada a Universidade Católica de Minas Gerais. Essa formação delimitou o escritor que você é?

O curso de Letras que fiz aí foi fundamental na minha formação, me gerou frutos maravilhosos em toda a minha vida. Propiciou que fizesse o Mestrado na UFRJ e depois me tornar professor e etc. Essa formação aprimorou o que já tinha de pendor para a poesia desde de criança. Eu escrevia poesias quando criança. Depois que fiz o Científico no Colégio Municipal, eu escrevia os poemas e uma professora me incentivava muito. Ela dizia que eu tinha um estilo do Manuel Bandeira. Eu adorava escrever, aprendia palavras novas com ela, ia ao dicionário, utilizava essas palavras, escrevia para namoradas ou para minha mãe.

Tudo isso antes da Faculdade. Essa veia poética veio comigo de outras vivências, encarnações, e acho que aprimorei muito. Lembro-me do professor de Literatura. Ele morava na Vila Oliveira. Um grande erudito, professor Pires. Na Faculdade, ele pediu para a gente escrever um artigo sobre as mortes de Jimmy Hendrix e Janis Joplin. Eu usei a poesia para escrever, ou uma prosa bem poética. Ele me deu nota 10. Falei: professor, você me deu 10! Ele me disse que eu me soltei, que usei a prosa poética.

Lembro que trabalhava como locutor esportivo e narrava um jogo em que a bola acertou os órgãos genitais de um jogador. E eu narrei assim: e a bola bateu fortemente um pouco abaixo do umbigo. No dia seguinte o Professor Pires me falou assim: Mansur, eu gostei muito da

perífrase que você usou ontem na transmissão esportiva. Eu não sabia o que era perífrase e fui pesquisar. Nunca mais esqueci desse episódio. Todas essas pessoas me ajudaram muito a delinear esse escritor. Eu me sinto muito honrado de ter essa índole da escrita. Eu ajudei, com colegas de Ponte Nova, a editar o primeiro livro de dona Laene Mucci. A publicação do primeiro livro de dona Laene foi um trabalho de um grupo que eu participei. Ricardo Mota, Délcio Teobaldo, Guilherme Daniel, e outros que vou lembrando. O lançamento foi na Praça de Palmeiras. Houve muitos quitutes, música, foi um momento muito bom. Ajudei a produção de muitos livros, até hoje o faço isso na Sociedade Teosófica. Então acho que tenho o acompanhamento de outras vidas, essa experiência eu carrego comigo por onde vou.

Rio Piranga com a Ponte da Barrinha - Centro Histórico

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani



**Centro Histórico - Avenida Caetano
Marinho com a Matriz de São Sebastião**

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani



Em Ponte Nova, no ano de 1977, você ajudou a formatar e participou do FECAPON. Que lembranças você tem desse evento cultural?

Sobre o FECAPON, o Luiz Raimundo me enviou recentemente áudios remasterizados desse Festival, eu fiquei impressionado com a qualidade e a preservação desse material. Acho que o Célio Camilo repassou ao Luiz Raimundo. Eu fiquei ouvindo aquilo, quanta gente importante! Vale a pena registrar esses nomes: João Bosco liderando-os. Não sei se ajudei a formatar, me lembro que eu fui convidado pelo João Bosco para apresentar o Festival. Em 77, eu estava no Rio, trabalhando na Rádio Cidade, já havia trabalhado em outras emissoras. Para mim foi uma honra ter participado daquele momento grandioso para Ponte Nova, e as fitas me fizeram exclamar: que coisa extraordinária!

Muita gente boa também de Ponte Nova participou. Lembro-me de João de Aquino, Pelão (produtor cultural), Humberto Moura, (jornalista), Sérgio Ricardo (grande cantor e compositor). Quando ouvi as fitas, fiquei realmente muito impressionado. Acho que foi o João Bosco que conseguiu reunir esse pessoal todo.

Você é uma das vozes mais conhecidas no Brasil, por causa do rádio, principalmente. Qual foi o seu trabalho mais marcante no rádio, em sua visão?

Eu acho que posso numerar alguns trabalhos marcantes. Por exemplo, Ponte Nova foi muito marcante. Porque foi aí que eu comecei, me inspirei nos locutores de São Paulo e Belo Horizonte e fui formando minha identidade. Mas também nos grandes locutores de Ponte Nova, que eram excelentes:

Rio Piranga dentro do perímetro urbano de Ponte Nova Praça de Palmeiras - Fonte Luminosa

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani

Jarbas de Oliveira, Jota da Luz, José Cunha, que havia saído, já estava no Rio e fazia muito sucesso. Arlindo Abreu, Chico Rufo, José Carlos Martins, o Orlando Silva e o Fábio, esqueci o sobrenome. Locutores que ouvi, segui e me tornei colega deles. Foi um trabalho muito marcante em Ponte Nova.

Em 1969 eu fui para Belo Horizonte, para o Colégio Champagnat para fazer o 3º ano Científico, porque não havia o 3º ano em Ponte Nova. Trabalhei na Rádio Mineira e na Rádio Aurilândia, de Nova Lima, de manhã. Lá eu era operador e locutor. Acho que foi uma das primeiras rádios do Brasil em que o locutor era também o operador. Eu viria a fazer isso de novo em 1977, na Rádio Cidade. Que foi uma experiência muito grande em minha vida, a Rádio Cidade revolucionou a FM. Eu me tornei muito conhecido pelo trabalho na Rádio Cidade.

Depois trabalhei também na Rádio JB AM, foi uma escola para mim, e depois FM também, de grandes locutores. E posteriormente a minha experiência na Rádio MPB FM. Eu entrevistei quase todos os grandes cantores e cantoras do Brasil, e isso me ligou muito à Música Popular Brasileira, e me sinto muito honrado por isso.



Você acha que o rádio continua sendo um veículo popular, de grande alcance e que ainda tem vida longa, apesar das novas mídias?

Apesar das novas mídias, o rádio é ainda muito popular, e ele vai sempre descobrindo maneiras novas de se colocar, enfrentar essas novas mídias. O rádio vai encontrando caminhos. O rádio joga capoeira. O professor Muniz Sodré, uma vez eu o entrevistei na Rádio MPB, perguntei pra ele sobre o rádio nesse momento de tanta concorrência, ele falou pra mim: joga capoeira! Isso está no meu livro A Caixa Mágica.

O rádio se adapta aos novos lances. Vai se reinventando. Por exemplo: o podcast é o rádio, numa outra frequência. Você conhece aquele aplicativo Radiogardeen, que tem todas as rádios que existem no mundo? Você vai tocando com o dedo na tela e vão aparecendo as rádios que estão na web. Hoje tem também as rádios s  de notícias. Todos ouvem rádio no carro, principalmente nos engarrafamentos de todas as cidades. O rádio é uma grande companhia sempre, um grande companheiro inseparável. Perguntei ao Márcio Tavares d'Amaral:



Escola Nossa Senhora Auxiliadora
Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani

se o rádio é a mensagem, qual a mensagem do rádio? Ele respondeu: vem pra perto! Chega mais, chega junto! Maravilhoso!

Gostaria que você falasse do rádio como divulgador das artes, da cultura, dos valores, principalmente no que você tem feito ao longo desses anos.

Fiquei 40 anos no Rio, hoje estou aqui em Florianópolis. No rádio em que trabalhei, sempre houve essa preocupação de divulgar a cultura e as artes. Trabalhei em rádios que estiveram entre as principais do Rio. As rádios do Sistema JB: o Jornal do Brasil foi um grande jornal carioca e brasileiro.

Havia o Caderno B, que era o Caderno das Artes. Grandes artistas brasileiros ajudaram a fazer esse caderno, poetas, artistas plásticos. O Ferreira Gullar ajudou muito, trabalhou lá. Carlos Drummond de Andrade escrevia aos domingos. O jornal era parte do sistema onde eu trabalhava, influenciava o nosso trabalho na Rádio Jornal do Brasil AM e depois FM. Também a Rádio MEC, a Roquete Pinto, hoje com outro nome, 94,9, mas acho que o nome do Roquete jamais poderia sair do nome de uma rádio. A MEC também foi uma criação do Roquete, só que

quando o Getúlio Vargas assumiu a presidência, o Roquete não tinha como bancar a rádio, ofereceu ao governo federal, que a assumiu. E a chefe de redação da Rádio JB AM, Ana Maria Machado, viria a ser a presidente da Academia Brasileira de Letras. Ela sempre primou por divulgar a arte.

Eu sempre convivi com este universo, este espírito artístico nas rádios onde eu trabalhei. Outro dia estava conversando com Luiz Raimundo, falei com ele sobre isso. Por que não cria aí um programa sobre os artistas de Ponte Nova? Hoje todo mundo tem um computador, tem estúdios, entendem de tecnologia, poderiam fazer programas maravilhosos com poetas, músicos, instrumentistas. O Bruno Felga tem um estúdio fantástico. Tem grande conhecimento. Com as novas tecnologias, isso seria fantástico. Muita coisa poderia ser feita com quem está fora também. José Afonso Baião, Franklin, que era um colega do Baião também, Marçal, Zitinha, enfim um programa de rádio com esse foco seria maravilhoso.



Fernando Mansur

Seu trabalho com a escrita é também uma de suas marcas mais significativas: como se relaciona com este público leitor, seja nos jornais, nas revistas ou nos livros?

Meu segredo foi colocar tudo em linguagem radiofônica. Jogar capoeira. Todos os trabalhos que eu fiz no Mestrado, que se tornaram publicações, foram feitos em linguagem radiofônica. A tese de doutorado foi a mesma

coisa. Fiz tudo como estivesse no rádio. Minha cabeça é de radialista e um pouco de poeta. Tenho o lado meu da Teosofia, meu lado espiritual, eu passei ajuntando tudo isso para colocar na minha escrita. Procura passar mensagens de otimismo, reflexivas. Escrevo uma coluna para o jornal O Dia, todo domingo. Alegria no Ar. Coloco meus textos, curtos, por causa de minha formação no rádio. Texto curto, mensagem bem clara, objetiva.



Bairro Palmeiras

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani

Fernando Mansur, morando atualmente em Florianópolis (Santa Catarina) foi entrevistado pelos editores Alfredo Padovani e Gilson José pelo whatsapp

Como você se relaciona com o público?

Não tenho uma relação muito direta, não tenho um contato direto, contínuo. Não tenho o facebook. Não deixo canais abertos. As respostas surgem mais informalmente. Acho que é do meu temperamento.

A linguagem escrita tem passado por mudanças, com reduções das palavras, abreviações, ressignificações. Como vê esse fenômeno?

Lembrei-me de Manuel Bandeira, de um poema dele que diz assim: língua errada do povo, língua certa do povo, e nós o que fazemos não é senão macaquear a sintaxe lusíada. Não sei por que nunca esqueci esse poema. Eu acho a criatividade da língua, as mudanças pelas quais a língua passa são muito ricas. As mesmas palavras, unidas a outras palavras em novos contextos, ganham novos significados. As gírias quando são criativas são muito interessantes. As juventudes vão criando novas formas de se expressar, eu acho isso muito positivo. Tudo isso deve ser usado com um sentido, dentro de um universo que enriqueça a pessoa. As abreviaturas não devem ser para limitar, mas expandir, não para reduzir, mas para ampliar e ressignificar.

Quando lemos uma poesia de Laene, de Afonso Baião, Drummond, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, são mundos e mundos e mundos em que as mesmas palavras que nós usamos, ganham sentidos novos e nos levam para outras compreensões da vida e de nós mesmos. A palavra é um mantra, é sagrada, tem um poder e descortina um mundo pra gente.



ESPECIAL PONTE NOVA

14 - 18

BIBLIOTECAS PÚBLICAS EM PONTE NOVA

Qual o papel das bibliotecas públicas? Em tempos de internet cada vez mais popular, as bibliotecas públicas correm o risco de fechar as portas? A Revistas SARAU visitou as duas bibliotecas públicas de Ponte Nova, e compartilha com os leitores a visão que trouxe dessa checagem in loco. A primeira e mais antiga é a Biblioteca Municipal Miguel Valentin Lana, situada no Centro Histórico (Rua Cantídio Drummond), e quase centenária. A segunda é a Biblioteca Maria de Abreu, da Câmara Municipal, que passa por requalificação e reorientação em seu conceito.

A Biblioteca Miguel Valentin Lana existe oficialmente com esse nome desde 1973, ou 1974, segundo divergentes fontes. De acordo com Wanda Totini¹, antecedeu a Biblioteca Municipal a histórica Biblioteca das Moças, “fundada em 1928, por ocasião do Congresso das Municipalidades”, realizado em Ponte Nova.

1.TOTINI, Wanda.- wanda Totini, Monografiade Ponte nova, 1975.
(Texto mimeografado, disponível na Biblioteca Municipal).



A ideia de uma “biblioteca das moças” surgiu de um grupo chamado Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.

Tratou-se de organizar tal espaço exclusivo para as moças numa época que elas não podiam frequentar os mesmos espaços que os rapazes, numa sociedade fechada e que dificultava a convivência normal entre homem e mulher. Note-se que nas igrejas, as mulheres, de véu cobrindo o rosto e vestidos cobrindo os joelhos, ocupavam lados diferentes nos bancos. Uma biblioteca exclusiva para moças atendia a um apelo de um grupo literário, mas respondia também pelo separatismo da sociedade patriarcal. A mulher no lar e o homem nos negócios e espaços públicos.

A Biblioteca das Moças foi encampada pela inauguração da Biblioteca Municipal, que começou a ser organizada em 11 de setembro de 1973 e foi inaugurada em 31 de março de 1974 pelo prefeito Miguel Valentim Lana, aberta ao público nesta data².

A Biblioteca, nesse período, sofreu enorme desgaste pelo fato de mudar de lugar por várias vezes. Alocada em Palmeiras, ao lado matriz de São Pedro, passou à casa que pertence por direito, na Praça Getúlio Vargas, no Centro (Atual Secretaria de Cultura). Tal casa foi adquirida pelo prefeito Carlos Jardim, em 1996, para o fim de ser a sede da Biblioteca Municipal. Com o tempo, a casa se deteriorou, precisando de reformas. A Biblioteca foi levada para um anexo à Escola Municipal José Maria da Fonseca. Em 2010, na administração do prefeito Joãozinho Carvalho, com a aquisição pela prefeitura, da sede da extinta FAVAP (Faculdade do Vale do Piranga), a Biblioteca passou a ocupar parte deste espaço, na Rua Cantídio Drummond.

Abre ao público de segunda a sexta-feira, de 12 às 18 horas. Possui mais de 9 mil leitores cadastrados, um bom acervo, sendo atendida por três funcionárias municipais. O leitor cadastrado pode retirar o livro e ficar com ele por 10 dias, podendo renovar esse período, mantendo contato com as atendentes.

A Biblioteca Pública de Ponte Nova tem mais de 9 mil leitores cadastrados

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani

A outra é a Biblioteca Maria de Abreu, da Câmara Municipal. Existente há mais de 20 anos, essa Biblioteca passa por reformulação e não se encontra no momento aberta ao público. Desde agosto de 2019, está sob a direção da bibliotecária Maria Aparecida Lima, formada em Biblioteconomia pela UFMG.

Além de catalogar o acervo dentro das normas científicas, Maria está transformando-a numa biblioteca especializada nas questões políticas, com foco no Poder Legislativo.

Ela dividiu a tarefa em três partes: O Poder Legislativo, de modo que as publicações possam dar suporte aos edis, à pesquisa, sendo uma referência para esse tema. No segundo plano estão obras que referenciam a história da cidade, com suas personagens e seus fatos significativos. Em um terceiro plano, a biblioteca mantém o acervo de literatura, dando um espaço em destaque para os autores de Ponte Nova. Assim, torna-se um Centro de Referência da História de Ponte Nova, como excelente lugar de pesquisa.

A biblioteca mudará de lugar também, deixando a atual sala, que, segundo Maria, recebe muito sol e carece da ventilação necessária, indo para salas próximas à entrada, abaixo do antigo plenário. Ali funcionará também um Memorial do Legislativo, permitindo contato da população com o legado de seus representantes passados.

Pelo visto, ainda há espaço para o livro, para o documento escrito, como fonte privilegiada de informação, conhecimento e pesquisa. Há ainda uma procura grande por livros, autores, teses, documentos, mesmo diante de tecnologias mais à mão. O livro de controle da Biblioteca Miguel Valentim Lana permanece com as anotações diárias, e o telefone é acionado para informações. Esta é uma política pública necessária, ainda não deletada pela pós-modernidade.



HISTÓRIA DO LIVRO

A história do livro remonta a seis mil anos. Trata-se de uma necessidade do ser humano, a de se comunicar e expressar, registrar sua passagem pelo planeta e difundir seus conhecimentos, suas experiências. Na busca de formatar essa comunicação através do livro, vários e diferentes materiais foram utilizados.

O primeiro passo foi a origem da Escrita, através dos sumérios, a civilização mais antiga. Eles escreviam suas informações nos tijolos de barro, usando um estilete que formava uma cunha no barro, daí recebendo o nome de escrita cuneiforme.

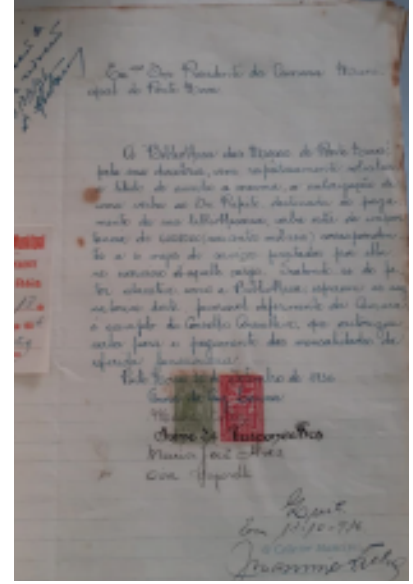
Os indianos registraram seus escritos em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas escreviam livros na macia entrecasca de madeiras. Já os romanos usaram tábuas de madeira, cobertas com cera.

Maria Aparecida Lima, mudanças na Biblioteca da Câmara Municipal

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani

O leitor encontra livros antigos e raros

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani



Mas as ideias mais primitivas de livros vêm dos egípcios: há 4 mil anos, através da utilização do papiro, planta das margens do rio Nilo. Uniam-se as fibras, formando uma pasta que servia como superfície para a escrita hieróglifa. A palavra papiro significa papel enrolado. Havia então os escribas, os que anotavam o que a realeza determinava. Do papiro, surge o pergaminho, feito de pele de carneiro, esticado, branqueado, polido. Podia ser enrolado, mas não dobrado.

Surgem depois os códices: os gregos e os romanos ajuntavam folhas dobradas e ajuntavam borda com borda, com blocos de madeira, cobertos com cera. Daí temos a palavra página, que significa, atado, o que está ajuntado.

O papel surge no século II, inventado por um oficial chinês. Fibras de bambu ou de amoreira eram cozidas e esticadas por martelos de madeira. Eram misturadas na água até virar uma pasta. No século XIV, surge a Imprensa. Trata-se da gravação em blocos de madeira de uma espécie de carimbo. Estes blocos eram mergulhados em tinta e carimbavam o papel, fazendo várias cópias. Gutemberg inventa a imprensa com letras móveis, facilitando a montagem. Ele imprimiu o primeiro livro em 1455: a Bíblia. Cada letra era feita à mão e cada página era montada, juntando-se as letras. Depois de prensada e seca, imprimia-se o verso da página. Ocorreu então a popularização do livro.

A partir do século XIX, novas tecnologias surgiram, jogou-se mais papel no mercado para a confecção de livros e jornais. O papel torna-se mais barato e acessível.

A UNESCO considera que um livro tenha 48 páginas, sem contar a capa e que seja uma publicação impressa, que não seja periódica. Conceito superado pelo e-book.

O livro tornou-se produto de mercado, mas também importante veículo cultural. Produzido em grande escala, torna-se acessível, conectando conceitos, ideias, conhecimentos, experiências as mais diversas. E dialoga com outras formas de expressão, como o cinema, o rádio, a televisão, a internet.



Não foi eliminado por nenhuma destas formas, mas contribuiu para o cinema, as telenovelas, documentários, enriquecendo a expressividade em todo o mundo.

Hoje, o livro ganha novas formas, incluindo a eletrônica, podendo atingir um grande público ao mesmo tempo, mas ele continua tendo sua missão. Continua registrando experiências, estágios da humanidade, teorias que movem a técnica e a tecnologia, responsáveis pelos avanços da humanidade.

Espaço dedicado aos autores de Ponte Nova

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani

Autoria do texto: Alfredo Padovani e Gilson José.





ALEPON EM PORTUGAL

19 - 25

ACTIVIDADES DA ALEPON EM PORTUGAL

A Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova, ALEPON, Estado de Minas Gerais – Brasil –, em Portugal, tem desenvolvido algumas ações culturais e de divulgação das dinâmicas que se vão operando em Ponte Nova, através dos seus reconhecidos académicos, desde 1994, sob a liderança do Professor Kleber Rocha.

A actual, presidente da Academia, Professora, Elizabeth Iacomini, a partir de uma simples relação de amizade virtual, com o Professor Oliveira Ribeiro, a residir no Porto, em 2015, e, após a participação, por convite, no concurso de Poesia e Prosa «Professor Mário Clímaco», que resultou, posteriormente, no convite para representar a ALEPON, como Sócio Correspondente.

Tal, convite fora aceite e, assim, a primeira actividade resumiu-se em divulgar, por publicações semanais, o concurso acima referido. Porém, num entusiasmo inicial, o seu representante pensou alto e surgiu a ideia de organizar a sessão de entrega de prémios em Portugal. Esta ideia fora bem acolhida e, com a colaboração da Academia, através de seus académicos tornou-se numa actividade anual e, desde aí, a ALEPON, tem vindo a florescer culturalmente de ano para ano e com repercussão em crescendo.

Dado que a Academia, em Portugal, não tem uma sede própria, tem-se realizado em várias cidades do Norte, as cerimónias de entrega de prémios, entre Abril e Junho; as que receberam este evento, anual, foram o Porto, no auditório da Casa Fundação Isabel Guerra Junqueiro, irmã do poeta Guerra Junqueiro; em Braga, no auditório da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, frade que teve ligações com o Brasil; a terceira realizou-se em Espinho, no auditório da Junta de Freguesia, onde acontecem diversas actividades culturais, tendo-se verificado a

melhor expansão da Alepon, em Portugal. Devido à pandemia mundial, COVID 19, ainda não foi possível realizar a última sessão de entrega de prémios “Mário Clímaco”, que será na cidade de Gaia, a eterna namorada da cidade do Porto, separada pelo rio Douro; esta se realizará na primeira oportunidade. Este ano, deu-se início às primeiras tertúlias, tendo como convidados os concorrentes premiados em Poesia e Prosa, com o objectivo de o público, afecto à cultura literária, conhecer as obras dos seus poetas e autores e, estes, terem oportunidade de divulgar as suas obras e poderem expandi-las numa «Feira do Livro».

Há, ainda, a salientar o trabalho meritório da Sócia Correspondente, Professora, Teresa Teixeira, de Braga, que tem sido, igualmente, importante na principal ação de divulgação e sensibilização da Academia, em Portugal, junto dos poetas, autores e escritores. Tem colaborado em parceria em todas as ações e na organização dos diversos eventos informando e sensibilizando vários círculos de Poesia e Prosa.



Poetas e escritores reunidos em Portugal



Está a preparar-se o alargamento de novas Sócias Correspondentes, as Professoras Maria La-Salete Sá e Fernanda Cabral, de Espinho, cujos ingressos, na ALEPON, é visto com bons olhos.

Já foram realizadas duas tertulias com participação excelente, demonstrando a credibilidade da ALEPON, em Portugal; a primeira realizou-se num bar, “AMERICAN CLUB”, em Gaia, um espaço que tem servido, por gosto pessoal, do seu proprietário e amigo pessoal, Jo Santos, para actividades culturais (poesia, dança, música e datas festivas e convívios) e a segunda, no “Orfeão do Porto”, outro espaço cultural, icónico da cidade, que se encontra aberto a iniciativas culturais de diversos quadrantes, sob a direção do amigo, Plácido Martins e o casal responsável pelo bar, a quem a ALEPON, agradece a inteira colaboração e disponibilidade. No dia 26 de Setembro, será levada a cabo a terceira Tertúlia, igualmente no “Orfeão do Porto”, esperando-se uma adesão adequada à situação condicionante do vírus, que nos assola a todos.



É meritório um reconhecimento aos amigos, incondicionais, que têm colaborado de diversas formas, gratuitamente, e, nas logísticas, de forma muito espontânea. Sem esquecer todos há que evidenciar, as coordenações dos amigos, Luísa Tavares (2016-2017), Carlos Lacerda e Paula Gomes (2017-2018), José Alberto Sá (2018-2019) e Virgílio Gonçalves, Fátima Passos e Carlos Lacerda(2019-2020), nas Tertúlias. Não é possível esquecer os poetas declamadores que dão voz às obras em evidencia; e nesta vertente destaque, outra presença assídua, a amiga Fanny Mota.

Musicalmente, entre outros, também amigos, faz-se referência ao amigo, Paulo Resende, que desde a primeira hora é uma presença constante. O futuro será o que todos quisermos.

Escritores portugueses agraciados com o Prémio Professor Mário Climaco

A CULTURA DE PONTE NOVA VIVE EM PORTUGAL ATRAVÉS DE EVENTOS LITERÁRIOS

Vivem-se momentos de vida ou morte e o mundo, tanto se arrisca a seguir em frente como tem coragem de parar e se manter vivo! A ALEPON, em Minas Gerais, não quer parar de respirar e, de máscara e desinfecção, com espírito combativo vai seguindo num sentido determinado defendendo as Letras, a Ciência e Artes, em Ponte Nova. Também em Portugal, a sua extensão, motivada e estimulada pela essência cultural e histórica, vai desenvolvendo atividades literárias, promovendo, internamente, a Academia e os seus escritores, poetas e autores, dando-lhes vida, emoções, luz e cor para que possam sobreviver neste mundo onde a cultura "LEGERE e SCRIBERE" é apenas um acessório social que vive de boas vontades...!



**Entrega do Prêmio Professor
Mário Clímaco em Portugal**



3ª TERTÚLIA - ALEPON POESIA E PROSA - 2018



26 Setembro 15h

Convidadosos:



Helena
Quartas



Maria José



Margarida
Santos



J. C.
Moutinho



José Bessa



Paulo Resende

Animação:

Coordenação:



Carlos Lacerda

Assim, para lá das cerimónias de entrega de prémios, desde 2016, os representantes, Oliveira Ribeiro e Teresa Teixeira, têm vindo a estender a sua ação para tertúlias que objetivamente, pretendem divulgar a Academia mas, essencialmente, os seus escritores e autores, bem como as suas obras, num espírito apaixonado pela arte de declamação e da escrita, poética e em prosa. Têm, ainda, como função permitir a oportunidade de aquisição, das mesmas através de vendas em Feira do Livro. Mais duas novas poetas estão em processo de ingresso na representação da ALEPON, em Portugal, La Salette Sá e Fernanda Cabral. Pode-se afirmar que, em Portugal, a Academia também não pára. Bem hajam, representantes, amigos e o grupo fiel de poetas que amam a arte literária.

Cartaz da Tertúria

CONCURSO LITERÁRIO

PRÊMIO “PROFESSOR MÁRIO CLÍMACO” /2020

EDITAL 01/2020

1º - A Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova – ALEPON, fará realizar o XV CONCURSO LITERÁRIO - Prêmio “Prof. Mário Clímaco”, que constará de duas categorias – Poesia e Crônica, em âmbitos local, nacional e internacional.

2º - Podem concorrer pessoas de ambos os sexos, com a idade mínima de 15 anos completos até a data do encerramento das inscrições.

3º - As inscrições, gratuitas, estarão abertas a partir de 15/08/2020 e se encerrarão em 31/10/2020, valendo o carimbo dos Correios, e/ou a data do e-mail.

Parágrafo único - Os membros da ALEPON não podem concorrer.

4º - Nas duas categorias os trabalhos, com TEMA LIVRE, deverão ser de até 2 (duas) páginas, em papel A4, fonte 12, Times New Roman ou Arial.

5º – Para inscrever -se, basta que o concorrente envie um trabalho de sua autoria, em cinco vias, digitados ou impressos em computador (não serão aceitos manuscritos), para a Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova – ALEPON, Rua Cantídio Drumond, 92 - sala 1, CEP: 35430-006 - Ponte Nova (MG).

§1º- O concorrente poderá também encaminhar para o e-mail: academiaalepon@bol.com.br, em arquivo PDF: um, contendo a obra com pseudônimo do autor e outro a identidade do concorrente: nome, RG, CPF, endereço completo, telefone e data do nascimento, além de data e assinatura.

§2º- Os candidatos de outros países deverão enviar seus trabalhos em Língua Portuguesa.

§3º- Cada candidato poderá concorrer com 1 (um) trabalho de cada categoria.

§4º- Na categoria "poesia" serão aceitas todas as modalidades, inclusive texto poético; na categoria "crônica" não serão aceitas outras modalidades em prosa.

6º – Para o candidato que optar pelo encaminhamento via Correios, será usado o sistema de envelopes: o maior, com o endereço da ALEPON e do remetente, conterá o trabalho, com o pseudônimo do autor. O envelope menor, devidamente lacrado guardará a identidade do concorrente: nome, RG, CPF, endereço completo, telefone e data do nascimento, além de data e assinatura .

7º – Os vencedores receberão medalhas e diplomas. A critério da comissão julgadora, poderão ser concedidas até 3 (três) Menções Honrosas.

Parágrafo único - São irrecorríveis as decisões dos julgadores.

CONCURSO LITERÁRIO

PRÊMIO “PROFESSOR MÁRIO CLÍMACO” /2020

EDITAL 01/2020

8º - Os 10 (dez) primeiros classificados poderão ter seus trabalhos publicados na Revista Sarau da Alepon e nas Redes Sociais. Publicação autorizada, automaticamente, com o ato da inscrição.

9º - Os membros da Comissão Julgadora serão designados pelo Presidente da ALEPON, anunciados somente na data da divulgação dos resultados do concurso, uma vez que seus nomes ficarão em sigilo.

10 - O resultado do Concurso será divulgado na Sessão Solene comemorativa do aniversário de Ponte Nova, em data a ser divulgada.

11 - Outras informações poderão ser obtidas pelo e-mail da ALEPON.



PERSONALIDADES

26 - 33

CULTURA POPULAR, FATOR DE UNIÃO EM ANA FLORÊNCIA

Nasci em 1957, no Pião de Ana Florência, 74 anos após a fundação da usina. Tentarei resumir aqui, o que vi - e, principalmente ouvi – desta localidade tão carismática que, em anos recentes, mereceu dissertação do estudioso amigo Almiro Luna, cujo tma foi “Educação patrimonial e cidadania a partir da comunidade de Anna Florência”.

Não tenho como fugir das bem construídas conclusões de Almiro que buscou, como ele mesmo disse, “instrumentos narrativos provenientes da retórica, discurso, memória e simbolismos serviram de apoio ao entendimento e contextualização histórico-cultural num meio social aparentemente circunscrito, a comunidade surgida a partir das colônias de trabalhadores de uma usina de açúcar”

Cito o texto de Almiro, porque ele mergulhou da diversidade sociocultural, bem como nas mazelas sociais que marcaram a comunidade, num caldo de cultura salientado pelos (bons) modos dos antepassados e seus muitos vínculos mantidos pela tradição oral. Luna se deteve especialmente na história do Boi Laranja, versão local do Bumba Meu Boi, revitalizado em data próxima, “na tentativa de reencontrar uma sociabilidade perdida, a proximidade humana que antes havia e que o mundo moderno tende a dissipar”.

O estudioso se deteve, em certo ponto, nas oficinas de causos, memórias e histórias, nos saberes manuais, que como bem se sabe, reuniu, num, mesmo local, resquícios da ocupação indígena (totalmente destruída), da escravidão e da ocupação dos beneficiados com a

exploração da Sesmaria do Pião

Busco reflexão com informe sobre o meu vínculo familiar com o Pião: meus avós paternos (Adolfo e Sá Laura) chegaram, com seus filhos, vindos de Matipó, no final da segunda década do Século XX: ele se projetou como eletricitista; ela como dedicada dona de casa e abnegada costureira.

Meu avô paterno, Tiago, saiu de São João Nepomuceno,



tentou a vida no Rio de Janeiro e, após acidente num bonde (onde perdeu o dedão do pé direito), decidiu voltar, de trem, mas “apeou” em Ana Florência onde, em meados dos anos 20, trabalhando na oficina mecânica (ali se aposentou) casou-se com Maria Marinho, filha de Sá Chiquinha (Francisca César, oriunda de São Pedro de

Oratórios) e de Martinho Vieira.

Marinho, meu bisavô paterno, teria chegado ali antes dos Vieira Martins e, segundo a lenda, veio com escravos fugidos de Ouro Preto (descendo o rio do Carmo e subindo o ribeirão Oratórios) para se estabelecer com os índios. A tradição familiar diz que os donos da usina resgataram o menino e batizaram-no com o nome de Martins Vieira, logo transformado em Martinho Vieira, condutor da Maria Fumaça.

Fiz esta “apresentação” para

registrar o que muito ouvi de meus avós e de meus saudosos pais (Maria e Zizi) sobre “os mais antigos”. Eram muitas as tradições, do batuque na Olaria ao reisado (o qual trazia para o Pião alguns “foliões” do Pontal).

Ouvi relatos de congado e de serenatas e, ainda presenciei a contação de histórias, tendo como principal protagonista o

Sô Joaquim do Ó (Joaquim Leão), vizinho (com sua esposa Maria Raimunda Leão) de meus avós paternos, na rua do Pasto Grande.

Antes, lembro que a vida comunitária o Pião tinha referência na “escola combinada” (chamava assim mesmo!) e na agenda católica, com missas mensais, procissões (animada pela “furiosa” banda local) e quermesses (as quais chamavam simplesmente de barraquinhas), e “rezas” semanais. Estas rezas terminavam, via de regra, em bailes (sanfona, viola e pandeiro).

Os bailes eram motivados, ainda, por qualquer desfecho de partidas de futebol. As serenatas atendiam pedidos de apaixonados, ou eram apenas um motivo para grupos de rapazes saírem de casa em noites de lua cheia.

Assim se vivia, no entorno do engenho – antigamente sem cerca para limitar o acesso de pessoal – e as festas serviam para aliviar, extravasar, botar a alegria para fora. Ainda presenciei, de pequeno, o teatro musical do marceneiro (um artista!) Boxia e seus familiares na rua da Padaria. Havia, ainda (e como esquecer?), o teatro das minhas tias, na rua do Pasto Grande.



José Carlos Itaboray Filho

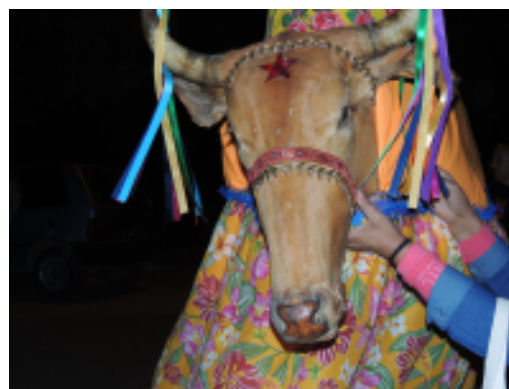
O Pião era formado por uma grande família, onde, aos domingos, jogava-se malha na “reta da (casa da) Presidência”. Eram diversas quadrilhas juninas, no campo de futebol, na vila Olaria ou no terreiro de café da Fazenda dos Mayrink. E tinha a Festa do Zé Pereira, com a malhação de Judas.

Eram muitos os cantadores e tocadores. Um deles, chamado de Zé Capeta (José Maria Eufrásio) era andarilho poeta, cantor repentista e tocador de violão de uma corda só. Amarrava um pano na cabeça e caminhava sem rumo. No livro “Vozes de Rua”, a conterrânea Ludovina Pires contou sobre ele, que usava saia sobre a calça comprida e ostentava uma garrucha na cintura.

Os moradores saíam para qualquer compromisso e deixavam a porta “encostada”. Só temiam quaresma, pelo medo de mula de cabeça, caboclo d’água e saci-pererê (este passava no meio de cada redemoinho).

Boi Laranja do Pião

Autoria do texto: José Carlos Itaboray Filho - Editor do Jornal Folha de Ponte Nova e Filho de Maria (de Sá Laura de Sô Adolfo) e de Zizi (filho de Maria de Tiago)(*)



Concluo dizendo que tenho, na memória, infinidade de nomes de Zés (Copeiro, Caixeiro, Pequeno, CBT/ainda vivo, para citar alguns) e muitas profissões femininas (cozinheiras, costureiras, benzedeiras, parteiras, professoras e catequistas).

A memória já me trai na tentativa de lembrar dos antepassados do Pião, por isso peço perdão pela omissão de nomes importantes. Eu me detenho no fantástico universo dos “causos”, dedicando esta reflexão aos meus contemporâneos que, em anos recentes, promovem encontros anuais (dos quais, imperdoavelmente eu me ausentei).

Ouvi diversos relatos de Orlando Geraldo, Chico Pena, Joaquim Mendes, Chiquité, Mário Ferreira e Raimundo Atanásio (nas noites de fabricação de goiabada, onde a família “mexia o tacho de cobre”). Tudo verdade! Não tinha como duvidar!

Sempre que possível, eu me juntava à meninada da rua do Pasto Grande, esperando cada fim de tarde para ouvir Joaquim do Ó. Ele só podia contar as aventuras após o anoitecer porque, “de dia, nasce rabo em quem conta e em quem escuta”, Como ele sempre repetia.

Cada “causo” era uma história que “entrou pelo bico do pinto e saiu no bico do pato. E te contei uma, cê me conta quatro”. E terminava sempre com o dito: “era uma vez uma vaca tereza, caiu num buraco e ficou tesa. Era uma vez uma vaca vitória, caiu num buraco e acabou-se a história”.

(*) Jornalista, Escritor, contador de histórias e imitador.



O LEGADO CULTURAL DEIXADO POR PADRE HERIBERTO JOSÉ SCHIMMITT

notabilizou-se por cultivar profundamente as ciências linguísticas e especializando-se em latim e português, disciplinas das quais foi notório professor por mais de meio século.

Heriberto José Schmitt nasceu a 10 de maio de 1916 na cidade de Luiz Alves, Estado de Santa Catarina, de ascendência alemã, filho de Ferdinando Schmitt e Ottilia Schmitt, tendo dois irmãos e seis irmãs. Em 1927 iniciou seus estudos básicos no Colégio São Paulo na cidade de Ascurra (SC); em 1929 foi para Lavrinhas, no Estado de São Paulo onde cursou o ginásio e o científico. Ainda criança, decidindo por abraçar o sacerdócio católico romano, ordenou-se padre no dia 8 de dezembro de 1942 já integrando a Congregação Salesiana. Desde o noviciado

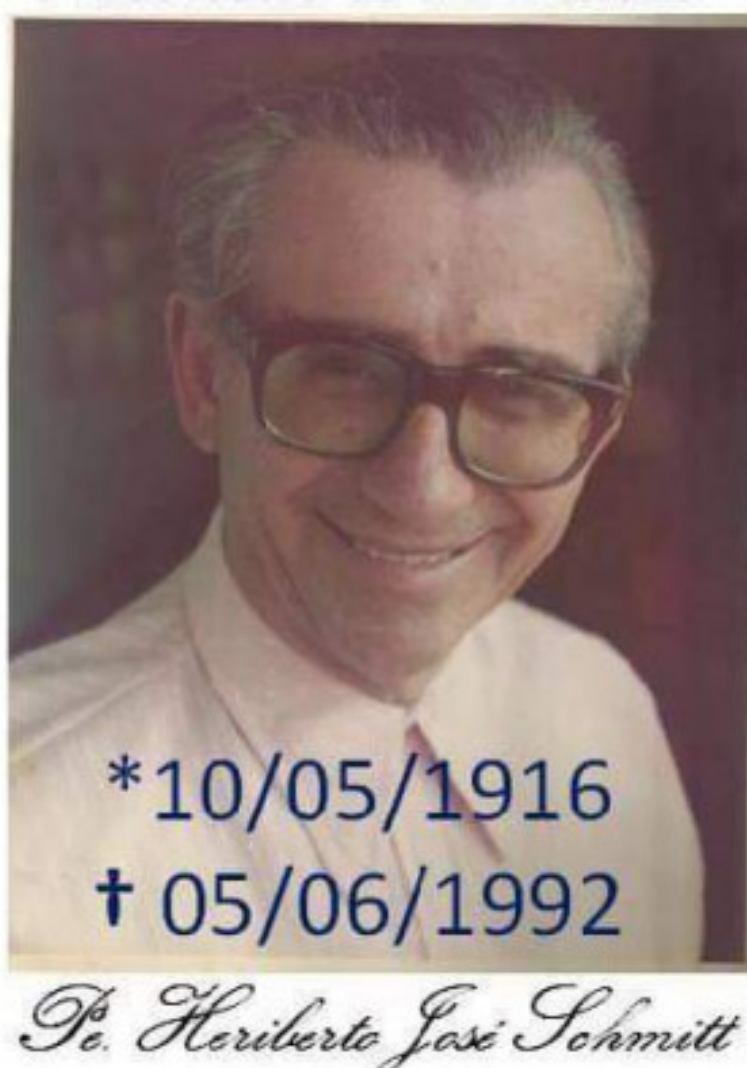
No ano de 1952 o padre Schmitt foi designado para trabalhar no Colégio Dom Helvécio, em Ponte Nova (MG), cidade onde permaneceu até 1967 e da qual recebeu o título de Cidadão Honorário, bem como das vizinhas cidades de Raul Soares e São Pedro dos Ferros.



Acadêmico José Camilo

Crédito Fotográfico: Arquivo Pessoal

Muito cedo revelou-se fino poeta, escritor fecundo e dramaturgo. Homem de espírito festivo, desportista fervoroso e amante do teatro, padre Schmitt deixou inúmeras realizações em Ponte Nova. No Colégio Dom Helvécio criou o GLAD (Grêmio Literário, Artístico e Desportivo) agremiação responsável por revelar notáveis poetas, escritores, músicos e atletas do Vale do Piranga; criou em Ponte Nova a UMES (União Municipal dos Estudantes Secundários), organização que politizou o estudante ponte-novense conscientizando-o da verdadeira cidadania; dirigiu todos os trabalhos de comemoração do primeiro centenário de Ponte Nova em 1966, ocasião em que apresentou hinos e poemas de sua autoria em homenagem à cidade. Padre Schmitt era um homem desapegado aos valores materiais e por isso mesmo nunca se preocupou em editar suas obras, trabalho realizado hoje pelos seus familiares.



Em 1968 Padre Schmitt deixou Ponte Nova, transferido que foi para a cidade de Itajaí (SC). Ali faleceu no dia 5 de maio de 1992 aos 76 anos, tendo sido considerado um dos maiores latinistas de todos os tempos. Criada em 13 de junho de 1994 a ALEPON (Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova), Padre Schmitt é lembrado como patrono da Cadeira nº 9 - Crônicas e Jornalismo – ocupada pelo seu ex-aluno o acadêmico José Camilo Filho.

Padre Schmitt, grande legado cultural deixado aos seus alunos

Crédito Fotográfico: Arquivo Pessoal

Autoria do texto: Acadêmico José Camilo Filho

CHEFE VIRTUOSO SE REVELA NUM GESTO CARINHOSO

José Nogueira - Bambu (1930 -2017)

14 de maio. Essa data ficou marcada em minha memória para sempre, pois foi um dia muito importante em minha vida. Ganhei de presente um jantar de gala, em minha casa, com um chefe vestido à caráter que muito me surpreendeu. Uma surpresa muito agradável. Um nobre jantar em família, revestido de simplicidade e carinho. Nesse dia pude perceber o quanto Ponte Nova poderia perder se não

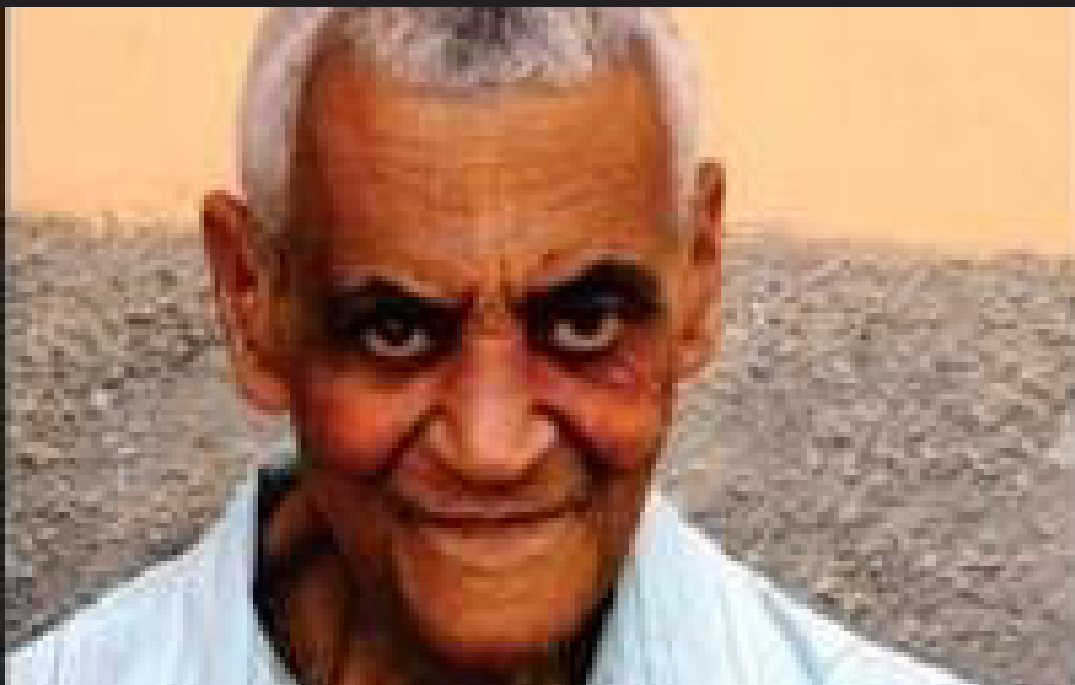
fossem registradas as memórias e saberes desse grande homem, o Bambu, famoso chefe da Cozinha Pontenovense, que para nós, moradores da Rua Getúlio Vargas, simplesmente era Sr.Zé de D. Élia. Uma pessoa iluminada! Em sua humildade nunca deixou transparecer que era um Mestre da Culinária Francesa, exímio Chefe da Cozinha Pontenovense.



Em tempos idos e vividos podemos traçar uma trajetória de vida desse grande amigo. De Ubá onde nasceu e trabalhou por curto período de tempo, fez um grande percurso até chegar aqui em Ponte Nova. Trabalhou em Ubá, de lá foi para o Restaurante Renascença em Juiz de Fora, mais tarde no Majestoso Hotel Glória e Hotel Semião em Ponte Nova, seguindo para Ouro Preto no Restaurante Chafariz, onde foi resgatado por Joel Saltarelli para o Restaurante Joelândia e finalmente encontra um lar

e fixa sua raiz no Restaurante Pontenovense de 1981 até 2011, quando se afasta por motivos de saúde. Em toda essa caminhada nunca saiu de Ponte Nova. Amava esta terra, por ele escolhido para viver.

Falando de nossos vínculos afetivos com o Sr. Zé de D. Élia cabe dizer que minha mãe costurava suas roupas e nesses intervalos nós tecíamos histórias. Eu, uma amante da Literatura, da língua francesa,



curiosa pelo saber, não perdia uma oportunidade. E assim fomos estreitando os laços de amizade. E naquele dia 14 de maio, decidi escrever um livro para lhe dar de presente em seu aniversário - 22 de dezembro. Já bem idoso, colaborou muito, explicando-me, corrigindo, acertando numa linguagem acessível ao público em geral, e com esforço e apoio de muita gente comprometida com a cultura ,consegui fazer o livro , que a princípio, era simplesmente um presente de aniversário.

A vida nos reserva muitas surpresas! Estava eu saindo de casa e encontro Luiz Raimundo na porta da casa de Sr. Zé Viera visitar o “Bambu”. Conto pra ele a novidade! Seu rosto ilumina e emocionado ele me diz que eu havia realizado o sonho dele e que se sentia comprometido para levar a todos esse presente. E assim foi feito.Com o apoio dos vizinhos e da comunidade pontenovense, Ponte Nova recebeu esse presente.

O livro “Le chef Fantastique da Cozinha Pontenovense“ tem rodado o mundo.

Vale lembrar as palavras de nossa querida Laene Teixeira Mucci: “Reverência por favor! A hora será agora – de louvor , e o lugar, também...Pra concluir e confirmar – dizer Amém: Bambu está aí - José Nogueira - presente na memória e no coração do povo pontenovense”.

Salve! Salve!

Autoria do texto: Acadêmica Ester Trindade



ELOGIO AO PATRONO

34 - 35

HOMENAGEM AO POETA SOTERO SILVEIRA DE SOUZA

Elogiar e homenagear Sotero Silveira de Souza, poeta trovador, homem público, prefeito em três mandatos e quatro décadas de participação ativa no processo político de Raul Soares; farmacêutico abnegado, homem de Deus, do povo, da família, das letras, muito me honra. Como administrador público, tinha por missão atender os reclamos populares. Como farmacêutico, salvou vidas e minorou o sofrimento de muitos, sendo coadjuvante em verdadeiros milagres em intervenções cirurgias junto a Dr. Durval Grossi, Dr. Ardim Rodrigues Costa e Dr. Wilson Elias Salomão.



Autor dos livros TROVADOR DA LIRA TRISTE, SOLUÇOS DE UM CORAÇÃO, NO VALE DA CONTEMPLAÇÃO E SAUDADE, ABISMO DOS SENTIMENTOS e outros escritos. Sotero trazia a lume seus versos que brotavam da alma, sem nenhuma pretensão literária. Inspirados e compostos num trabalho noturno, uma hora a cada noite, o poeta trovador sentia -se inspirado por uma força espiritual, de " um outro astral "que lhe ditava versos.

Poemas e trovas singelas expressão da admiração do belo, da virtude, do civismo, do amor às coisas simples da vida, da família e de Deus.

Sotero Silveira, em TROVADOR DA LIRA TRISTE, se auto definiu:

"Não sou poeta e sim poetastro.

Não sou estrela, sou poeira de astro."

"Jamais serei poeta de livraria

Nem vestirei o farão da Academia

Sou desta vida um pobre trovador.

Não tenho pretensões nem veleidades."

Para Sotero a crítica era bem aceita visto que, por meio dela, alcançamos a perfeição. Ele faleceu em 04 de abril de 2007.

Convicta e orgulhosa me sinto de ter um dia adentrado à alma de Sotero Silveira de Souza, me deliciado com seus poemas e trovas, despertando assim meu dom e amor à poesia. Daí uma iluminação bem sucedida!

A minha admiração, respeito, carinho a este poeta do povo, que hoje apresento como meu patrono ao tomar posse da cadeira 35, na ALEPON- ACADEMIA DE LETRAS DE PONTE NOVA.

**Sotero Silveira - Patrono da Acadêmia
Vera Salviano**

Autoria do texto: Acadêmica Vera
Salviano
Cadeira 35



**ESPAÇO DOS
ACADÊMICOS**

36 - 45

HOMENAGEM A PONTE NOVA:

AS RUAS E AS PESSOAS DE MINHA CIDADE!

MEU TESTEMUNHAL DE AMOR A PONTE NOVA

O caráter abstrato dos sentimentos faz com que tenhamos, muitas vezes, dificuldade em defini-los. Para que o outro então perceba a extensão do que sentimos e entenda isso de forma latente e concreta, é necessário que ele partilhe dos mesmos sentimentos, isto é, sintamos como nós, no corpo e na alma. Digo isso porque quando tento, às vezes, falar do meu amor por Ponte Nova, um e outro zombam de mim, ficam admirados. São os tais que acham que amar é somente prazer, é lidar apenas com o belo e o funcional, com o que o satisfaz plena e individualmente. Isso não é amor, é um jogo de interesses. Lembro-me, agora, daquela popular observação sobre “a gente amar apesar de”.

O amor por uma cidade, seja aquela onde nascemos ou onde fomos recebidos e criados, o amor pela terra natal é algo complexo: simples, natural, completo, terno e ao mesmo tempo frustrante, oscilante, fátuo, profético, fâmulo e enraizado. Por isso mesmo instigante e reacionário. E motiva-nos a acreditar nela, ter esperanças, engajar-nos nas suas causas. A ponto de ser rejeitado onde os “amores certinhos” imperam e onde também são comuns as respostas de escárnio e maldizer. As decepções fazem parte do amor, mas quem ama legitimamente é capaz de amar mesmo as decepções.

Falo de Ponte Nova. Os que a amam sentem-se entre a cruz e a espada; todavia, mantêm em si o equilíbrio, ou seja, a fronteira entre indiferença e ódio. É preciso ver, sentir e viver Ponte Nova, cultivar o sentimento de terra natal para onde todos querem voltar um dia; aquela da sua infância; o pedaço de terra onde a vida se fez em nós; aquela das raízes; aquela feita de histórias, de gozo, de conquistas, de idas e vindas, de rotinas e de lágrimas.

De minha parte, sei que posso amá-la, no ontem e no hoje: andar no calçadão da avenida que beira o rio, falar dos meus antepassados; recordar a minha infância e a minha juventude; os locais de pura e ingênua alegria: a Confeitaria Lembrança, após a missa de domingo na Matriz de São Sebastião; o Cine Vitória, a Ladeira do Pito; o querido e imponente Grupo Escolar Sen. Antônio Martins; a festa de 13 de maio no Hospital Nossa Senhora das Dores e a de Santo Antônio na capela da ladeira do Pito; o famoso pastel na casa de tia Santa, subida da rua Cantídio Drumond; os namoros e as noites de lazer com a turma de inseparáveis amigos, papeando assentados na calçada da av. Caetano Marinho ou na mureta da prefeitura; os bailes nos clubes Primeiro de Maio, Pontenovense e Palmeirense; os alunos, os colegas de tantas escolas onde trabalhei e aprendi a amar minha profissão; rua a rua, bairro a bairro por onde ando e casas de amigos aonde vou; as caminhadas na Beira Rio, as reuniões na Alepon e no MOVPAZ... Enfim, eis a cidade (como já disse certa vez), que me ofertou um sol - meu esposo, e duas estrelas – minhas filhas.



E ao mesmo tempo sinto que todo o meu amor por esta terra me permite falar mal de coisas e pessoas que entristecem a cidade, sem que, no entanto, eu precise abandoná-la.

Todas as vezes que me refiro a esse amor que sinto por Ponte Nova, penso também na admiração que guardo pela saudosa escritora ponte-novense Laene Teixeira Mucci, e na intensidade do amor que ela também nutria por esta cidade, latejante à flor dos seus versos (aliás, a sua obra inteira é puro amor a terra). Escolhi em seu livro “Ainda Terra” quatro pontos lindíssimos para encerrar o meu testemunho de amor a Ponte Nova: 1. “Na terra natal a alegria e a tristeza têm rostos gêmeos e iguais”; 2. “Ninguém arranca o amor quando ele se enraíza em sua terra/ porque se transforma em jazida de ouro e superpõe doçuras”; 3. “Na terra natal não há dor de esquecimento/ porque existe gente que chega/ sempre chega! De todos os lados”; e 4. “quero escrever o nome de Ponte Nova /no final de outubro/ como sinal Escorpião/ e imortalizar com água de batismo/seu nascimento”.

legenda foto

Autoria do texto: Acadêmica
Miracy Real

MINHAS PRIMEIRAS CUECAS ZORBA

Cimarrom vem aí!

Na década de 1970, essa frase invadiu Ponte Nova durante uns oito meses. Para todo lado que se via, estava lá à mensagem e ninguém sabia dizer o que era aquilo. A frase estava estampada em brindes, panfletos, faixas de pano penduradas nas ruas e até num anúncio destacado no Jornal do Povo. Uns juravam que era um novo filme que entraria em cartaz, outros apostavam numa livraria. Teve gente que garantia ser uma peça de teatro. Não lembro bem, mas acho que todo mundo errou. Pomposamente, com direito a carro de som nas ruas, reclame na Rádio Sociedade Ponte Nova (ZYL279 - Uma organização Fábio Vasconcellos) foi inaugurada uma ampla loja de confecções na Rua Benedito Valadares como o nome de CIMARROM. Acho que o nome foi tirado de um filme de faroeste.

Sob o comando da família Lopes Ribeiro e tendo como gerente-proprietário o Zé da Casa Glória, a empresa durou muitos anos e lá mamãe comprava minhas roupas e as do papai. Vestíamos com as japonas xadrez, jaquetas e paletós de couro, calças faroeste e camisas “volta ao mundo”. Todo nosso guarda-roupa era renovado na famosa Cimarrom, onde éramos educadamente atendidos pelo dono e seus funcionários.

Foi lá que mamãe comprou minhas primeiras quatro cuecas “zorba”: duas brancas, outra cinza e uma bege. Até então, eu só usava samba-canção. Aquelas de pano e colchetes. Confesso que fiquei muito metido a besta. A partir dessa data me senti um cabra macho.

Fora os gêneros alimentícios, que eram comprados na venda do Sô Mazzeo e depois na Cooperativa dos Bancários, o resto: roupa de cama, mesa, banho, confecções, sapatos, móveis, presentes, remédios, tudo vinha da Rua Benedito Valadares. Também lá concentravam quase todas as agências bancárias. O logradouro, até os primeiros anos da década de 1980, era o coração comercial e financeiro da cidade.

Relógio de pulso, anel de formatura, alianças, jarras de porcelana e cristal. Tudo isso era encontrado na Joalheria Ciliberti, do mais pontenovense dos italianos, Biaggio Dattolli. Fico triste em lembrar que a última vez que estive com Biaggio foi na festa italiana do Colégio Dom Helvécio. Dali uma semana, ele retornou para Nápolis (Itália), depois de ter morado por cerca de 50 anos em Ponte Nova. Lá morreu poucos meses depois.



“Do clássico ao moderno, deixe sua casa linda com os móveis do Palácio dos Móveis”, comandada pelo Fabinho. A loja ficava debaixo da sede social da Sociedade Esportiva 1º de Maio. Se quisesse um corte de terno impecável, o cliente podia escolher entre a Alfaiataria Sette e a Rosmaninho. Lá fora confeccionado meus ternos de primeira comunhão, conclusão do ginásio e de casamento. Das mãos firmes e habilidosas do Sô Neném Rosmaninho saíram meus trajes para esses três alegres e bons momentos de minha vida.

Profissional correto e conhecedor do seu ofício, Júlio Real, da Farmácia Real, curava todos lá de casa a partir das receitas médicas do Dr. Lins. Certa noite, com o supercílio aberto - fruto de um tombo nas escadarias da Igreja do Rosário -, foi Júlio Real que deu conta de estancar o sangue e fechar a fenda diante de minha recusa de ir ao Hospital de Nossa Senhora das Dores.

Lençóis “Santista”, colchas de “Piquet”, chenil, tecidos de tergal, americano cru, linho “Braspérola”, brim “safORIZADO”. Boas compras, com preços justos, mercadorias encontradas na Casa Glória. Ninguém resistia à fidalguia dos irmãos Nélio, Sony e Waldir. Quem entrasse para comprar uma peça saída de lá com dez ou mais.

Não importava a marca ou modelo: Samelo, Passe Doublé, Verlon, “cavalo-de-aço, verniz, bamba-maioral, tênis, conga e kichute. Tudo isso e muito mais era encontrado no Afonsinho Calçados, de Afonso Lopes Ribeiro, “a alegria da cidade”. Toda essa alegria e simpatia lhe deram um mandato de vereador e uma legião de amigos.

Era sagrada a passagem “por apenas uns minutinhos” na Casa Barroso.



Lá estavam sempre de prontidão Sô Celso, Sô Hélio, Pio, Joãozinho Valentão e o Celinho. A conversa de papai nunca durava menos que uma hora e meia. Na venda de Antônio Pezinho, na casa de couros do Sô Parentoni e no armazém do Saltarelli, o bate-papo também era sagrado. Na mesma rua, valia ainda uma rápida passada no Açougue de Zé da Guia e do Nenêgo. Um breve cumprimento ao pessoal da Casa Amin Jorge. Um aceno de mão para a turma da Distribuidora Semião, dos produtos Brahma Chopp. Tudo fazia parte da rotina de papai rumo ao trabalho.

Bisnagas, pão-crioulo, francês, rosca-rainha, a menina do Rosário descia pela Escadaria do Bequinho para comprá-las na Padaria das Famílias. Nos dias que se fazia pão de batata doce, era preciso comprar fermento “Fleschamm Royal” na vendinha de Sô Damásio Teixeira.

Rua Benedito Valadares na década de 1950

Crédito Fotográfico: Foto Stúdio



O santinho com a imagem de Cristo, o livro de catecismo, e o terço branco da minha primeira comunhão foram adquiridos na Papelaria Gutemberg, da família do Pio Penna.

Casa Gato, Colchoaria Magnata, Foto Stúdio (que depois virou Restaurante Terraço, do Totinho Geléia e Dona Efigênia Cunha), Sapataria do Trani, Peter Pan, Casa das Crianças, A Esmeralda e A Cinderela. Todas essas firmas comerciais fizeram parte da minha “rica” infância em Ponte Nova. Ainda adolescente, comprei várias camisetas de malha de algodão nas Casas Pernambucanas. daquelas do tipo usadas pelos comerciantes portugueses.

Tomei minhas primeiras cervejas na Lanchonete “Que Desce, que Sobe”, do Fabinho Campos. A sede da Sociedade Esportiva 1º de Maio ficava a poucos passos da Benedito Valadares, logo na entrada da Rua Olegário Maciel, no antigo “Vai e Volta”. Ali aprendi a dançar. Entrei no mundo dos carnavais e escutei os grandes sucessos das orquestras e conjuntos musicais nos bailes de gala. Tangos, boleros, chá-chá-chás e o apogeu da Jovem Guarda.

Depois de ter nascido na Rua Luiz Martins Soares, 55 ao sopé da igreja de Nossa Senhora do Rosário, como costumava dizer o livreiro José Maurício Penna, morei por muitos anos na Rua Benedito Valadares. Primeiro num apartamento amplo que ficava sobre a agência do BEMGE e depois mudamos para um sobrado sobre a Farmácia Santa Maria, até retornar ao Rosário.

A vida econômica e financeira pulsava ali na antiga Rua Direita, que depois recebeu o nome de Benedito Valadares. Tudo de bom acontecia ali no coração de Ponte Nova!



Acadêmico Alfredo Padovani

Autoria do texto: Acadêmico
Alfredo Padovani

PONTE NOVA

Ponte Nova amada
Por mim idolatrada
Quero te homenagear
Com um belo cantar

Ponte Nova querida
Por onde sempre pisei
Meu torrão predileto
Quero te ter por perto

Ponte Nova cidade
Onde sempre vivi
Jamais te abandonarei
Pois quero viver aqui

Ponte Nova das pontes
Do rio, do pontilhão
Do amor, da alegria
Da eterna união

Ponte Nova, parabéns
Mais um ano tu tens
Te aplaudo com louvor
Cheia de orgulho e amor!



Wilza Mayrink

Autoria do texto: Acadêmico Wilza
Mayrink

RIO

“Aqui, por onde corre este rio, / haverão de encontrar

meu rosto / e meus olhos a olhar / tudo em que jamais acreditei.” (Ruy Merheb)

aqui por onde o rio passa, fica
algum calor de corpo sobre as pedras,
ficam os mitos presos nas cavernas
e o livro de areia das cantigas;

e onde a água estanca, o rio corre
nos leitos esquecidos das sereias
que fazem suas casas sobre a beira
do tempo que não passa; o rio morre

nas barras da ambição; o rio nasce
de novo com o ímpeto das vagas
de sêmen sobre o cio de suas margens;

aqui, sobre o espelho dessas águas,
narciso redivivo, eu verei
um mundo em que jamais acreditei.

Acadêmico Afonso

Autoria do texto: Acadêmico Afonso Guerra-Baião, do livro SONETOS DE BEM-DIZER / DE MALDIZER



HÁ EXATOS 30 ANOS...

Foi em um 02 de março,
 Numa tarde assim quente
 De 1988
 Que aqui cheguei
 Num corcel II azul
 Cheio de livros e esperanças,
 Para trabalhar na matriz de São Sebastião.
 Uma história de amor pela cidade,
 Sua gente, suas ruas tortas,
 Seu rio encachoeirado,
 Às vezes cheio e nervoso.
 Vim, vi, me tornei, me ajeitei,
 Não consegui me desfazer dessa sintonia,
 Dessa praça, dessa terra que me contagia.
 Tenho ciúmes.
 Tenho paixão.
 Tenho amor.
 Convivo, vivo, sonho,
 Partilho e espero por essa terra.
 Cidade que me amparou
 Quando soltei do paraquedas e caí.
 Cidade que às vezes é árida,
 Amenizada em amizades,
 Companheirismo e utopias.
 Se me permite,
 Obrigado, terra minha!



Acadêmico Gilson José de Oliveira

Autoria do texto: Acadêmico
 Gilson José de Oliveira

AMADA TERRA

estilosa Ponte Nova
desfilam em tuas ladeiras
todos que te amam
o sobe e desce, dia todo
dinamiza tuas ruas
pareces a passarela da vida
ora corrida, ora despedida
ora anseio, ora passeio
elegantes palmeiras
anos a fio a enfeitar
brilhantemente a Beira-rio
mudando os tons a cada estação
atravessando o Piranga
vestido de vermelho, o pontilhão
suntuoso no cenário
dessa natureza que faz pose
para os fotógrafos encantar
Igreja Matriz, como raiz
de um terra tão amada
praças e jardins
dançam nas festividades
engalanadas de felicidade
Ponte Nova altaneira
és meu lar a vida inteira
desde os passos infantis
até o último bem-me-quis
bem-te-quis, bem-te-quis



Beth Iacomini

Autoria do texto: Acadêmico Beth
Iacomini

Sede da ALEPON

Rua Cantídio Drummond, 92 - Fundos - Sala 13 - Centro Histórico -
35.430-002 - Ponte Nova - Minas Gerais.
academiaalepon@bol.com.br

